



JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*, trad. João Rezende da Costa. São Paulo: Editora Paulus, 2004, 9ª edição, 238 pp.

Joachim Jeremias nasceu na Alemanha no ano de 1900. Esse influente teólogo seguindo os trilhos da teologia liberal, constrói a fé sobre o Jesus histórico, convicto de que a metodologia histórica seria capaz de provar a messianidade do Nazareno. Por isto mesmo, a proclamação da comunidade posterior está integralmente prefigurada em sua pregação e atuação. Jeremias é crítico em suas análises, mas conservador em seus resultados, sendo o Jesus histórico a medida do evangelho. Jeremias faleceu em 1979.



Joachim Jeremias

No prefácio da obra, o autor, explica os motivos que o levaram a abreviar a edição. Ele diz: "várias vezes veio à tona o desejo de que o livro 'As parábolas de Jesus' pudesse tornar-se acessível a um círculo mais largo de leitores, de modo especial àqueles que não dominam a língua grega". Explica ainda que a obra fora abreviada, eliminando-se a matéria de mera especialização técnica e

lingüística. Jeremias tenta, nesta obra, reelaborar a forma mais antiga que se possa atingir da pregação de Jesus nas parábolas. Ele resume sua tarefa da seguinte forma: "Jesus falou a homens de carne e sangue, a partir do momento para o momento. Cada uma de suas parábolas tem um lugar histórico determinado na sua vida. Tentar reobtê-lo: eis a tarefa" (p. 15). A obra, como podemos perceber, é dividida em três partes. A primeira parte (pp. 7-15) trata do problema o qual a interpretação das parábolas está envolvida. A segunda parte (pp. 17-113) traz a análise crítica, enquanto a terceira parte (pp. 115-228) mostra a interpretação.

Na primeira parte, mostra o autor que as parábolas estão firmemente baseadas na tradição e que ao analisar as parábolas, essas deixam transparecer, por através do grego, a língua materna de Jesus (p. 7). Destaca também que é preciso possuir conhecimento do "milieu" palestinese de Jesus para a interpretação das parábolas, ou seja, do pano de fundo que envolve as parábolas. O teólogo afirma que as parábolas de Jesus são algo totalmente novo, pois em toda literatura rabínica do tempo de Jesus, não se tem nenhuma parábola, a não ser duas comparações de Hillel (pelo ano 20 a.C.). Diz ele que uma parábola aparece pela primeira vez com o rabino



Jochanan bem Zakkai (pelo ano 80 d.C.). Jeremias, no entanto, está errado. James Charlesworth, em seu livro "Jesus dentro do Judaísmo" (Imago Editora), diz que David Flusser contribuiu enormemente para a pesquisa sobre Jesus com seu estudo sobre as parábolas de Jesus à luz das parábolas rabínicas. Comenta Charlesworth que é chocante para muitos eruditos do Novo Testamento a existência de vasta quantidade de parábolas judaicas e que esses críticos que haviam com segurança atribuído as parábolas de Jesus a extratos autênticos de Jesus, terão de repensar o método empregado, a saber, o princípio da dissimilaridade¹. Charlesworth propõe que o que se deve explorar é a personalidade única e a predominância do conceito de Reino de Deus refletido nas parábolas de Jesus. Essa deficiência na obra de Jeremias não abstrai o leitor de estudá-la minuciosamente, pois, o teólogo fornece todo o pano de fundo para uma interpretação sadia das parábolas. Como Jeremias mesmo ensina: "As parábolas devem ser colocadas na situação da vida de Jesus!" (p. 14).

Na segunda parte Jeremias faz uma análise crítica das parábolas. Ensina que as parábolas de Jesus, tais quais elas nos são transmitidas têm um duplo lugar histórico: (1º) o lugar histórico original das parábolas, assim como de todas as palavras de Jesus, é uma situação única e concreta no quadro da atividade de Jesus. (2º) antes de terem sido fixadas por escrito, elas "viveram" na Igreja das origens, que anunciou, pregou e ensinou as palavras de Jesus. Ela punha as palavras de Jesus em listas sob o ponto de vista do conteúdo, dava-lhes um enquadramento, transformando-as ocasionalmente, ampliando aqui, alegorizando acolá, tudo isto a partir da sua situação, ou seja, a partir da situação entre a cruz e a parusia (p. 17). Diante desse problema, Jeremias mostra que o objetivo principal de seu estudo é justamente extrair as várias palavras de Jesus, bem como várias parábolas dele, da sua situação na vida e no pensamento da Igreja das origens, fazendo-se a tentativa de reobter o seu lugar original na vida de Jesus, para que as palavras de Jesus novamente recebam o seu tom original e se vivifiquem de novo o seu vigor, a luta e o pleno valor de que estavam investidas no momento em que originalmente foram pronunciadas (p. 17s.).

Pela limitação de espaço que demanda uma resenha não possui liberdade para mostrar tudo aquilo que Jeremias propôs nessa segunda parte, portanto, é fundamental que o leitor leia e releia essas páginas e veja quanto esclarecimento acerca das parábolas irá obter após o estudo desse livro. Jeremias destaca alguns pontos necessários para se conseguir o teor original das parábolas proferidas por Jesus: (a) mostra que a tradução do aramaico para o grego pode ter acarretado desvios de sentido (p. 19); (b) devemos dar preferência à versão que apresenta material palestinese nas imagens; (c) em muitos casos a versão mais simples da parábola é a forma mais original; (d) o Antigo Testamento e os temas de narrativas populares podem influenciar a redação da parábola; (e) a mudança dos ouvintes muitas vezes força a mudança de estilo da parábola, por exemplo: (Mt 20.1-16) era

¹ As parábolas pertencem a Jesus porque não têm paralelo no Judaísmo Antigo.



uma parábola originalmente endereçada aos adversários de Jesus (Lucas), tornou-se parábola dirigida aos discípulos de Jesus (Mateus). A mudança do círculo de ouvintes acarretou também um desvio de acentuação: uma parábola apologética transformou-se numa parábola parenética (p. 38); (f) o uso das parábolas pela igreja para o seu ensinamento moral também é um fator que pode desviar a parábola do seu sentido original. A igreja das origens via-se, à medida que o tempo ia passando, no meio entre duas crises, das quais uma pertencia ao passado, e a outra, ao futuro. Nesta situação entre a cruz e a parusia, a Igreja se interroga acerca das orientações de Jesus e as encontra, entre outras, na medida em que ela toma as parábolas de Jesus que tinham a intenção de acordar a multidão diante da seriedade da hora, tirando delas orientações para a conduta da vida da comunidade, vergando-as de sua acentuação escatológica para a parenética (p. 41); (g) a influência da situação da Igreja, como o retardamento da parusia, a ação missionária da Igreja e a ordem da direção das comunidades também podem desviar a significação original das parábolas; (h) Jeremias diz que um dos meios que também serviram para a distensão de sentido foi a interpretação alegórica (p. 68); (i) Parábolas duplas, coleções de parábolas e fusões de parábolas formam contextos secundários, os quais devem ser abstraídos caso se queira transmitir o sentido original das parábolas (p. 97); (j) O autor declara que à pesquisa da história das formas devemos o reconhecimento de que o enquadramento da história de Jesus é amplamente secundário, o que vale também para o enquadramento das parábolas. A comparação sinótica evidencia que a parte das imagens foi tradicionalizada com maior fidelidade do que a introdução, a interpretação e o enquadramento mais amplo. Ensina o autor que para compreender as parábolas de Jesus, tal reconhecimento é de grande alcance (p. 98).

A terceira parte trata da mensagem das parábolas de Jesus. Diz Jeremias que levando em conta as leis da transformação que foram mencionadas na segunda parte e tentando reobter com sua ajuda o sentido original das parábolas de Jesus, chegaremos à conclusão de que a imagem global se simplifica surpreendentemente. Evidencia-se que muitas parábolas expressam uma só e a mesma idéia, ainda que com imagens diversas. Diferenças, que correntemente temos como tais, mostram-se secundárias. Em lugar delas, destacam-se vigorosamente algumas idéias-chaves, poucas e simples. Comenta o autor que Jesus manifestamente nunca se cansou de repisar, sempre com novas figuras, as idéias centrais da sua mensagem. As parábolas e comparações, portanto, deixam-se naturalmente reunir-se em grupos, em dez grupos, falando-se mais precisamente. Elas constituem globalmente um compêndio concentrado da mensagem de Jesus. Os grupos são: (1) **A presença da salvação**. A mensagem das parábolas desse grupo pode ser resumida na seguinte frase: "Chegou o tempo da salvação, pois chegou o redentor, já agora" (p. 121); (2) **A misericórdia de Deus**. Esse grupo de parábolas enfatiza não apenas que o tempo da salvação de Deus irrompeu-se, que o novo mundo chegou e que o redentor veio, mas também que a salvação foi enviada aos pobres e aos pecadores, portanto, enfatizam a bondade e a misericórdia de Deus; (3) **A grande confiança**. Esse grupo é composto por quatro parábolas de contraste as quais têm em comum o fato de contraporem começo e fim. Um começo insignificante e um fim vigoroso. Isso para mostrar a confiança de Jesus



perante as dúvidas sobre a sua missão. Também podemos adicionar a esse grupo outras duas parábolas (Lc 18.2-8; 11.5-8) que querem dar aos discípulos a certeza de que Deus os libertará da angústia por vir (p. 162); (4) **Diante da catástrofe**. A mensagem de Jesus não é só pregação de salvação, mas também anúncio de condenação, advertência e convite diante da tremenda seriedade da hora. Essas parábolas que tratam da crise que ameaça foram faladas numa situação concreta daquele tempo, o que é básico para entendê-las. Não pretendem incutir máximas éticas, mas acordar e sacudir um povo obsecado que marcha para sua perdição, de modo especial os seus chefes, os teólogos e os sacerdotes. Mas elas pretendem mais ainda: querem ser um chamado à conversão (p. 172); (5) **A ameaça**. É a última hora. O reino de Deus irrompeu-se. Esse grupo nos mostra que por uma suspensão incompreensível da sua santa vontade, Deus prolongou ainda mais o esboço da penitência, assim como vice-versa, ele pode suspender, no tempo da grande tribulação, a sua santa vontade e, em vista dos eleitos, abreviar os dias do anticristo (p. 172s.); (6) **A exigência da hora**. Comenta o autor que diante deste ameaçador "tarde de mais" do grupo anterior resulta a exigência da hora. Ela significa: agora é preciso agir com decisão. "Você está, diz Jesus, na situação do réu, que muito em breve vai estar diante do juiz, que aí a qualquer momento poderá ser preso, e que, no caminho para o tribunal, encontra-se com o seu adversário. Mesmo arrebatado à cena evocada, Jesus clama indagando: Tire a limpo o negócio, enquanto é tempo! Reconheça a dívida! Peça ao seu adversário que reconsidere e tenha paciência (cf. Mt 18.26-29)! É terrível para você, se não o conseguir!" (p. 182); (7) **Viver como discípulo**. Esse grupo mostra todas as características do discipulado de Jesus; (8) **A via do sofrimento é a revelação da glória do Filho do Homem**. Já em sua atividade pública Jesus falara figuradamente da via dolorosa; (9) **A consumação**. O autor destaca que quando Jesus fala da consumação, fá-lo quando sempre por meio de imagens (p. 220); (10) **As ações parabólicas**. Aqui Jeremias mostra que Jesus não apenas falou em parábolas, mas também agiu e que o grande número de ações parabólicas de Jesus proclama a irrupção do tempo da salvação. As ações parabólicas de Jesus são pregação. Mostra que Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, mas também as viveu e as corporificou em sua pessoa (p. 228).

Essa obra, portanto, é fundamental para aqueles que: (1) estão buscando compreender como Jesus "interpretava" o mundo ao seu redor. Isso as parábolas nos evidenciam em virtude de Jesus fazer uso intenso de imagens retiradas desse contexto; (2) o que ele almejava dos seus ouvintes. Por meio das parábolas, Jesus tentou transmitir aos ouvintes os seus objetivos, desejos e pensamentos; e (3) como os seus ouvintes o entendiam. Através das parábolas, nós hoje, somos provocados a refletir sobre seus ensinamentos da mesma forma que os ouvintes originais também o foram. Em suma: No decurso de toda obra aprendemos que o verdadeiro significado da mensagem de Jesus apenas poderá ser encontrado no ambiente palestinese, aprendemos também que todas as parábolas forçam o ouvinte a tomar posições perante Jesus e sua missão e, que



Centro de Estudos Anglicanos



"Ninguém, exceto o próprio Filho do Homem e a sua palavra, pode dar autoridade plena à nossa pregação" (Joachim Jeremias).

Julio Fontana*

* O autor é assistente de desenvolvimento curricular e autor das apostilas das disciplinas do curso de licenciatura e bacharel em Teologia do Instituto Teológico Bereano.